

## A VIDA CONVENTUAL FEMININA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVII-XVIII

*Julia Piovesan Pereira<sup>1</sup>, Gislaine Aparecida Valadares de Godoy<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Graduada em História, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá - UEM. Pesquisadora do LEIP/UEM - Laboratório de Estudos do Império Português. Julia.piovesan@outlook.com

<sup>2</sup>Orientadora, Doutora, Departamento de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá - UEM. Pesquisadora do LEIP/UEM - Laboratório de Estudos do Império Português. gi.valadares@hotmail.com

### RESUMO

O presente resumo expandido tem como objetivo apresentar brevemente os resultados obtidos pela pesquisa de Iniciação Científica “A vida conventual feminina em Portugal no século XVIII” desenvolvida entre os anos de 2019 e 2020 sob orientação da Profa. Dra. Gislaine Aparecida Valadares de Godoy (UEM). A pesquisa buscou investigar os motivos pelos quais as mulheres portuguesas do século XVIII ingressavam na vida religiosa, independente de possuírem vocação, motivados pela percepção de que o número de religiosas havia aumentado significativamente neste período. Entre as hipóteses iniciais, estava o fato de a vida nos conventos representar uma possível alternativa à vida conjugal das mulheres ou, de tutela masculina, seja sob a responsabilidade de pais ou irmãos. Com o decorrer dos estudos, observou-se que a vida religiosa significava tal alternativa e mais. Representava também, um meio para que as mulheres pudessem se tornar letradas, e ainda; disporem de certa liberdade sobre suas vidas e rotinas, incluindo nisso, uma vida sexual conforme nos foi possível notar ao analisar nossa fonte, a obra *Que seja em segredo* de Ana Miranda, publicada no ano de 1998. Observamos, a partir de uma investigação documental de caráter bibliográfico baseada na História Cultural, que a instrução oferecida nos conventos proporcionou, às mulheres daquele momento, ampliar seus horizontes intelectuais, oferecendo-lhes um tipo sutil de direito de escolha sobre suas vidas, tornando-se um dos motivos para o ingresso na vida religiosa, ainda, que não houvesse vocação; bem como, uma mudança tímida na forma de pensar feminina da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Clausura; Intelectualidade.

### 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada foi motivada por um dado que apontou o crescimento da procura pelos conventos no final do século XVII e início do XVIII, tal dado nos levou a questionar o motivo desse aumento, após este questionamento buscamos entender como funcionava a vida dessas mulheres dentro do convento.

A partir das evidências documentais, buscamos nos questionar se a vida dentro do convento possibilitava a essas mulheres uma maior liberdade do que a vida que levariam fora dele, considerando suas motivações e o que as levava para dentro da clausura. Para possibilitar essas análises realizamos uma investigação bibliográfica acerca do tema até chegarmos aos textos freiráticos documentais que nos mostraram algumas liberdades que as freiras tinham dentro dos conventos, e como a troca de poemas e correspondências com outros homens aliviavam seu cotidiano.

Apesar de algumas dessas mulheres perceberem o convento como uma possibilidade de fuga do comando patriarcal, a maioria delas estava lá a mando de algum homem, pretendemos aqui mostrar o porquê de a vida conventual ter se tornado uma opção tão comum dentro da sociedade portuguesa do século XVII e XVIII.

Primeiramente contextualizaremos a situação política e econômica de Portugal no final do século XVII e início do XVIII, isso nos permitirá localizar os conventos nos recortes temporal e geográfico. Em seguida, retrataremos a vida na clausura, como as mulheres chegavam lá e quem eram elas. Em nossa análise sobre a vida no convento, apresentamos os freiráticos, homens que tinham desejos pelas freiras, como esses freiráticos e as freiras se relacionavam e como eles representavam uma possibilidade de liberdade sexual para as enclausuradas.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Para entendermos a vida conventual feminina em Portugal não a podemos enxergar de maneira estática, tal instituição aparece desde o século XVI e, a partir disso, sofreu muitas mudanças em seu funcionamento, porém o objetivo principal de controlar as mulheres seguiu sendo o mesmo. Devemos ter em mente que mesmo durante o século XVIII esta instituição sofreu diversas alterações por razões políticas e econômicas que pretendemos demonstrar aqui.

Para fins do século XVII e primeira metade do XVIII foi notado um aumento na procura pela vida religiosa, Hanson explica que em 1750 o número de clérigos em Portugal deve ter atingido 200.000, cerca de quatro vezes o número de padres, freiras e monges existentes no país um século atrás (HANSON, 1986, p.43).

Podemos explicar este aumento na procura da vida religiosa em Portugal devido a um período de crise econômica entre o século XVII e XVIII, esta crise se devia ao expansionismo colonial, as prolongadas guerras de independência e a escassez de produção e recursos naturais, com tudo isso o convento se tornou uma saída, por ser uma profissão que garantia proteção e prestígio as mulheres e a sua família (HATHERLY, 1996, p.271).

Com a falta de dinheiro gerada pela crise econômica, as famílias tiveram que procurar outros caminhos para suas filhas, um caminho tão honrado quanto o casamento, mas que gastasse menos. Neste cenário o convento aparecia como uma segunda alternativa, mas o convento também exigia um bom investimento, isso nos leva a pensar que apenas os nobres afortunados tinham chance de ter essa escolha (ALMEIDA, 2005, p.108-200).

Portugal sofreu uma grande mudança política na segunda metade do século XVIII que alterou o funcionamento dos conventos femininos. A atuação do Marquês de Pombal, pautada no iluminismo, provocou uma crise irreversível no ingresso nas carreiras eclesiásticas de pessoas nascidas nas elites, essa mudança significou a diminuição na entrada em conventos e mosteiros (MONTEIRO; SOUSA; RAMOS, 2009, p.355-366).

## 3 A VIDA CONVENTUAL FEMININA E AS POSSIBILIDADES DE CLAUSURA

Como vimos anteriormente, o casamento era uma opção muito cara para a maioria da população, mesmo para os nobres, logo o destino das mulheres no reino era a clausura, mesmo sem vocação religiosa. Porém com o tempo as mulheres foram percebendo que a vida no claustro era, muitas vezes, melhor do que a vida que levariam casadas, sendo tuteladas por maridos que eram seus donos e fariam o que bem entendessem com elas (ALMEIDA, 2012, p.98).

O claustro possibilitou as mulheres uma vida que até então elas não conheciam, pela primeira vez puderam dispor de alguma liberdade. A vida das mulheres dentro das casas de suas famílias se resumia a aprender a ser uma boa esposa, no claustro novos interesses poderiam ser explorados por elas. A vida claustral deu as mulheres a chance de desenvolver suas capacidades intelectuais, este desenvolvimento levou as mulheres religiosas a criarem um lugar para si nas letras, nos conventos poderiam escrever textos religiosos, traduzir obras do latim para o vernáculo e trocar correspondências com os poderosos (BELLINI, 2006, p.210-216).

Entendemos o letramento como uma forma de liberdade para as mulheres, pois boa parte da população portuguesa não era alfabetizada ainda no século XVIII, e a camada alfabetizada era geralmente masculina, principalmente os nobres e o clero. A escrita era uma forma de expressão dessas mulheres, nos textos organizados por Ana Miranda em *Que seja em segredo*, conseguimos sentir o que elas sentem, entender o que elas

passavam dentro dos conventos. A compreensão da língua era de tamanha importância para a liberdade, não só a intelectual, os textos freiráticos contidos na obra de Ana Miranda nos mostram como a escrita foi usada para libertação da sexualidade dessas mulheres, trocando odes, sonetos, poesias e correspondências com outros homens, elas subverteram a clausura para um local onde podiam realizar coisas antes nunca feitas.

Nossa fonte, a obra *Que seja em segredo* organizada por Ana Miranda em 1998, apresenta os textos freiráticos, cartas, poemas e odes trocadas entre os homens ditos freiráticos e as freiras. O termo freirático foi usado para designar os homens que gostavam de se relacionar com freiras, muitas vezes eram adoradores platônicos, mas em alguns casos foi consumado. Os freiráticos e as freiras se conheciam nas cerimônias religiosas, dentro das igrejas eles trocavam olhares, flertavam e as vezes tinham chance de se encontrar nos confessionários e locutórios, se tratava de um longo processo de sedução (MIRANDA, 1998, p.8).

Ambos os envolvidos nesse enlace reconheciam o erro da relação, muitas vezes o prazer estava no erro, na proibição da igreja, na transgressão. Se tratava uma poesia do amor freirático, ora satírica, ora lírica, nessa troca havia uma profanação da santidade por meio da adesão da prática libertina, como dito anteriormente poderia nem ser consumado, mas a possibilidade de transgredir já era prazerosa (MIRANDA, 1998, p.11).

Vemos nos textos organizados por Ana Miranda um caso de duas freiras apaixonadas pelo mesmo homem, este era Dom Afonso VI, rei de Portugal entre os anos de 1656-1683. Dona Feliciano de Milão e Dona Anna de Moura trocam insultos e disputam pelo amor do soberano. As duas trocam diversas odes, com boas rimas, para ofender uma a outra. Um trecho de Dona Feliciano à Dona Anna de Moura finaliza com a seguinte rima “Errastes, por confiada; /Donde podeis entender/ Que, errando e sendo mulher,/ Ficais por mulher errada” (MIRANDA, 1998, p.81).

Apesar de o convento simbolizar para as mulheres uma chance de liberdade, de realizar feitos nunca antes pensáveis para elas, temos que ter em mente que a grande maioria delas não estava lá por vocação ou vontade própria. As mulheres não tinham chance de escolher seus caminhos, quer fosse o casamento, quer fosse o convento, essa decisão era tomada pelos homens de sua vida, não por elas.

Elas dispunham sim de certa liberdade dentro dos conventos, seja a intelectual ou a sexual, mas isso não significava que era uma vida fácil, ainda mais para aquelas que não escolheram a vida claustral, se tornar uma freira significava abdicar do mundo secular. Todos os contatos com o exterior eram monitorados pelas freiras que exerciam autoridade no convento (madre abadessa, vigária, porteiras), elas ouviam as conversas, liam as cartas, autorizavam as vindas dos familiares. E a freira que não seguisse as regras era severamente castigada, já que o convento tinha um cárcere privado, local sem pavimentação nem iluminação, onde as enclausuradas podiam ficar por dias ou meses, sem pão ou água (SÁ, 2011, p. 284).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos demonstrar como a forma de pensar das mulheres foi se modificando na medida em que elas foram podendo fazer suas próprias escolhas e, também quando foram tendo acesso a intelectualidade, construindo seu pensar e descortinando novos horizontes distintos da vida conjugal e da tutela masculina. Isso contribui com a história das mulheres, pois as coloca como sujeito de sua própria história e como agentes na agenda da humanidade, evidenciando que a imagem de ser incapaz e dependente foi construída pelas necessidades e exigências sociais de uma dada organização social, não tendo nada a ver com capacidade ou fragilidade.

Concluimos que apesar de muitas vezes não terem vocação, as mulheres no convento foram muitas vezes mais livres do que seriam fora deles, isso porque estavam longe do controle patriarcal e pela primeira vez poderiam criar uma sociabilidade e serem agentes de suas vidas, mesmo que isso significasse estar enclausurada.

Intentamos aqui construir uma imagem não romantizada do estado de clausura das mulheres no século XVII e XVIII, esforçamo-nos para mostrar como as mulheres foram capazes de se estabelecer em espaços hostis, como transgrediram e subverteram as regras para aliviarem seu cotidiano. Não devemos entender essas mulheres como livres e realizadoras das suas vontades, mas também não devemos as entender apenas como submissas e reclusas. As mulheres que tiveram a chance de entrar nos conventos, conseguiram a longos passos e duras penas, mudar mesmo que muito pouco, o rumo de suas histórias, de maneira lenta e gradativa as mulheres enclausuradas adquiriram um pouco de espaço dentro da sociedade portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O sexo devoto**. Normatização e resistência feminina no império português XVI-XVIII. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **A clausura feminina no mundo ibero atlântico**: Pernambuco e Portugal nos séculos XVI ao XVIII. *Tempo* [online]. 2012, vol.18, n.32, pp.95-113. ISSN 1413-7704.

BELLINI, Lúcia. **Vida monástica e práticas de escrita entre mulheres em Portugal no Antigo Regime**. Campus Social, 2006. p. 209-218.

HANSON, Carl A. **Economia e Sociedade no Portugal Barroco (1668-1703)**. 5. Ed.Lisboa: University of Minnesota, 1981).

HATHERLY, A. Tomar a palavra aspectos de vida da mulher na sociedade barroca. *In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n. 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, pp.269-280.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; RAMOS, Rui (coord.). **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

SÁ, Isabel dos Guimarães. **Os espaços de reclusão e a vida nas margens**. *In: MONTEIRO, Nuno Gonçalo; MATTOSO, José (Orgs.)*. História da vida privada em Portugal: A Idade Moderna. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo**. Revisão: Lia Cremonese e Marianne Scholze. Porto Alegre: L&PM POCKET, 1998.